AS TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO RURAL E NA AGRICULTURA FAMILIAR: A QUESTÃO DE GÊNERO E TRABALHO NO POVOADO DO RIO DO SILVANO EM IGUAÍ/BAHIA

Viviane Dias Martins do Carmo
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitoria da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0009-0004-9941-5077
Endereço eletrônico: diasviviane1998@gmail.com

Fernanda Viana de Alcântara
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitoria da Conquista, Bahia, Brasil
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-9296-8558
Endereço eletrônico: fernanda.alcantara@uesb.edu.br

Palavras-chave: Espaço rural; agricultura familiar; trabalho feminino.

INTRODUÇÃO

O presente resumo apresenta uma síntese do trabalho monográfico da conclusão do curso de licenciatura em Geografia, cujo objetivo consiste em analisar os desafios e as contribuições do trabalho feminino no espaço rural. A pesquisa busca analisar os entraves enfrentados pelas mulheres nesse contexto, bem como evidenciar a relevância de sua atuação para a manutenção e o desenvolvimento da agricultura familiar.

Para isso, realizou-se uma pesquisa no povoado do Rio do Silvano em Iguaí/Bahia, com a finalidade de observar uma contradição inerente ao sistema produtivo local (o cultivo do chuchu), na qual a precarização do trabalho feminino e o baixo valor das diárias tem gerado maior procura pela mão de obra feminina em relação à masculina. O que escancara a desigualdade de gênero ainda presente no rural brasileira. Ao mesmo tempo, essa condição, mesmo que desigual, tem proporcionado a essas mulheres uma renda própria e maior autonomia no âmbito familiar.

Entender as transformações do espaço rural em um povoado específico como o Rio do Silvano torna-se fundamental, pois possibilita evidenciar como mudanças econômicas e

produtivas influenciam diretamente nas relações socioculturais e de gênero. Desta forma, este trabalho tem como objetivo analisar as transformações no espaço rural e o trabalho da mulher na agricultura familiar e no povoado do Rio do Silvano em Iguaí/Bahia.

Nesse sentido, para atingir os objetivos estabelecidos nesta pesquisa quali-quantitativa, foram definidos os seguintes procedimentos metodológicos: levantamento teórico com contribuições de autores que dominam a temática em questão; elaboração de roteiros de entrevistas semiestruturadas, aplicadas no povoado, o que possibilitou uma compreensão mais ampla quanto à atuação e vivência das mulheres no campo; e utilização de recursos secundários, como dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do *site* da Prefeitura Municipal de Iguaí/Bahia.

Espaço rural e agricultura familiar no Brasil

Para compreender o espaço rural brasileiro inicialmente é preciso ponderar o que significa espaço rural e o que torna esse espaço algo distinto. De maneira geral, o espaço rural não é apenas uma delimitação física na qual se desenvolve atividades produtivas como a agricultura e pecuária, mas sim, um ambiente heterogêneo de interações sociais, culturais e econômicas, que abrange o modo de vida e o cotidiano da população rural. A organização das comunidades rurais e as relações de trabalho ali existentes, revelam a dinâmica única desse espaço. Que se apresenta em constante transformação.

Wanderley (2000, p.118) destaca que “o espaço local é, por excelência, um local de convergência entre o rural e o urbano, no qual as particularidades de cada um não são anuladas”. Sendo ele, um local onde coexistem tradições e modernidade. É sob essa perspectiva que se analisa o espaço rural brasileiro, tendo em vista, que este é também um espaço onde perpetua injustiças históricas, mas também tradições e vivências.

Para Wanderley (2000) o rural, trata-se de uma categoria dinâmica, que se transforma ao longo do tempo e de acordo com as relações ali presentes. Dentro desta lógica, destacam-se os grupos sociais menores, que dão origem a agricultura familiar.

Para Schneider e Cassol (2017 p.85) o reconhecimento da agricultura familiar tem como objetivo “requalificar e renomear a forma como os camponeses e pequenos produtores eram até então definidos” e ao mesmo tempo, passa a “atribuir um novo sentido analítico e político”. Logo, pode-se compreender a agricultura familiar como categoria, mas também

como uma identidade política e multifuncional que inclui tanto as formas de agricultura ligadas ao trabalho, família e produção, quanto àquelas que baseiam em vínculos e atividades coletivas como os grupos quilombolas, indígenas e assentamentos rurais.

Trabalho e gênero

Outra questão importante é a forma como se elucida a participação feminina no espaço rural em especial na agricultura familiar. A organização de gênero dentro dessas unidades frequentemente reproduz dinâmicas patriarcais.

Autores como Scott (1995) destacam que, a construção da categoria "gênero" foi proposta por aquelas que afirmavam que a pesquisa sobre as mulheres transformaria fundamentalmente os paradigmas disciplinares. O que traria um olhar mais crítico e abrangente da sociedade. Alem disso, para Scott (1995), com os estudos sobre sexo e sexualidade a palavra gênero ganha destaque, pois oferece um meio de extinguir práticas e papéis tradicionalmente atribuídos às mulheres e aos homens. Ou seja, gênero não é apenas estudar os "papéis do homem e da mulher". É estudar como a diferença sexual foi organizada para criar e legitimar relações de poder e de subordinação.

Apesar dos diversos estudos relacionados a essa temática ainda permanece lacunas quanto à importância da mulher na agricultura familiar e seu trabalho frente às dificuldades enfrentadas nesse espaço. A atuação das mulheres no campo sempre esteve associada à garantia da subsistência, ao casamento e a continuidade da família, através dos anos esse trabalho tem desempenhado uma função essencial na dinâmica e permanência desse espaço. Porém, mesmo que a mulher, mãe ou matriarca, seja considerado o berço da família, sua imagem segue ligada a tarefa de cuidadora, colocando em segundo plano sua trajetória, trabalhos e lutas

Mesmo ao conciliar as várias demandas do grupo familiar e muito por conta dessa jornada dupla ou até mesmo tripla, seu trabalho fora da casa é desvalorizado, visto apenas como uma renda complementar para a família. Ainda que exerça a mesma função que o homem sob as mesmas condições, o trabalho masculino é considerado mais vigoroso e mais rentável.

Neste seguimento, Andrade (2024, p.46) afirma que "Frente a uma sociedade marcada por conflitos socioeconômicos, culturais, políticos e tantos outros, perceber e dar visibilidade

ao empoderamento feminino tornou-se um marco e a busca por melhorias precisa ser algo genuíno, mais igualitário e justo". Ou seja, para que se efetivem mudanças significativas nas relações de gênero, é imprescindível não apenas ampliar as garantias existentes, mas também criar instrumentos que assegurem os direitos já estabelecidos.

Entende-se que a identidade feminina hoje, representa mudança, e uma permanentemente reelaboração. O ser mulher, filha, mãe, dona de casa, esposa não mudou, entretanto, novos papeis sociais passam a incorporar essa identidade. Agora ser mulher também significa representatividade, liderança, escolha e autonomia, mesmo que em passos lentos, o empoderamento feminino está presente nos diversos segmentos da sociedade, incluído no meio rural.

A participação da mulher na agricultura familiar do povoado do Rio do Silvano em Iguaí/Bahia

A agricultura familiar sempre esteve presente no rural brasileiro, e no povoado do Rio do Silvano não é diferente. A principal base econômica local é o cultivo do chuchu, que nos últimos 15 anos corresponde a uma parcela considerável da produção local. Como um dos pontos centrais dessa pesquisa, o manejo do chuchu depende fortemente do trabalho feminino. A tiragem de folhas e ramas secas do chuchu é um trabalho recorrente na localidade, demandando cuidado o ano todo.

Por ser um trabalho repetitivo que requer agilidade e cuidado, as mulheres são mais procuradas para essa atividade que os homens. Entretanto, durante a pesquisa a campo foi constatado que além da eficiência feminina na tiragem de folha o principal motivo para a procura do trabalho feminino é a precarização da diária de trabalho, que equivale a R$60,00 reais para as mulheres e R$70,00 a 80,00 para os homens.

Essa dinâmica revela uma contradição inerente ao sistema produtivo local. A mesma habilidade e eficiência que tornam o trabalho feminino fundamental e tão demandado não se refletem em uma remuneração equitativa, mas são, na verdade, incentivadas por ela. A disparidade salarial, representada pela menor diária, atua como um dos fatores determinantes para a preferência pela mão de obra feminina, criando uma situação de dupla exploração: as mulheres são mais produtivas e ainda recebem menos.

Dessa forma, constata-se que embora o trabalho na diária conceda a essas mulheres

maiores autonomia financeira no âmbito familiar (contribuído com realizações pessoais), essa autonomia é construída sobre uma base de desigualdade de gênero já consolidado no mercado de trabalho rural, no qual, o trabalho da mulher no povoado do Rio do Silvano é simultaneamente indispensável e desvalorizado.

CONCLUSÕES

A presente análise revela que o espaço rural, trata-se de um ambiente heterogêneo de interações sociais, culturais e econômicas, que influencia o modo de vida da população rural. Alem disso a pesquisa revela que a organização de gênero dentro do espaço rural ainda reproduz dinâmicas patriarcais. A realidade vivida pelas mulheres tiradoras de folhas no povoado do Rio do Silvano em Iguaí/Bahia evidencia isso, essas mulheres enfrentam problemas como a sobrecarga de funções, a informalidade e a desvalorização econômica. Mais do que uma questão numérica a disparidade salarial e informalidade do trabalho feminino revela um padrão fundiário que se mantém no país.

No entanto, assim como afirma Rossini (1993, p.05), “À medida em que a mulher adentra cada vez mais no mercado de trabalho, começa a se ver como trabalhadora e não mais como elemento que "ajuda". Neste momento, ela começa a participar de sindicatos”. O que simboliza o prenúncio de mudanças e luta por direitos. As mulheres vêm se tornando cada vez mais ativas, rompendo com papeis tradicionais de coadjuvantes para assumir protagonismo na geração de renda e no sustento da agricultura familiar local.

Desta forma, o trabalho feminino é construído diariamente, e se manifesta na organização de forma política, com participação em associações e sindicatos. Assim elas conquistam maior visibilidade na luta contra a desigualdade de gênero e a desvalorização do seu trabalho no espaço rural.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Daniela Seles de. **Ser mulher na agricultura familiar**: avanços, desafios e resistências no município de Poções-BA, Brasil. 2024. [s.p.] f**.** Dissertação (Mestrado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, UESB. 2024.

ROSSINI, Rosa Ester. **Geografia e gênero**: a mulher como força de trabalho no campo. Informações Econômicas, São Paulo, v. 23, n. sup 1, 1993.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço:** técnica e tempo, razão e emoção. Edusp, 2002.

SCOTT, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Gênero & História**, 1(1), 43-62.

SCHNEIDER, Sergio; CASSOL, Abel. **Diversidade e heterogeneidade da agricultura familiar no Brasil e algumas implicações para políticas públicas.** Brasília: Ministério do Desenvolvimento Agrário, p. 84-109. 470, 2017.

WANDERLEY, M. N. B. **A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas;** o "rural" como espaço singular e ator coletivo. In: Estudos, Sociedade e Agricultura, Rio de Janeiro, v. 8, n. 2, out. 2000, p. 69-129.